



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LILLYAN DAYANA SENA DE ARAÚJO

***CÂNTICO DOS CÂNTICOS: UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA E ERÓTICA
SOBRE O CÂNTICO SAGRADO***

**GUARABIRA
2015**

LILLYAN DAYANA SENA DE ARAÚJO

**CÂNTICO DOS CÂNTICOS: UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA E ERÓTICA
SOBRE O CÂNTICO SAGRADO**

Monografia submetida ao Curso de Licenciatura plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento às exigências necessárias para obtenção do grau de Licenciada em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dra. Maria Suely da Costa.

GUARABIRA
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658c Araújo, Lillyan Dayana Sena de
Cântico dos cânticos [manuscrito] : uma perspectiva literária e
erótica sobre o cântico sagrado / Lillyan Dayana Sena de Araujo. -
2015.
49 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento
de Letras".

1. Cântico dos cânticos. 2. Análise literária. 3. Poema. 4.
Erotismo. I. Título.

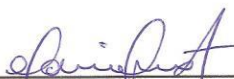
21. ed. CDD 800

LILLYAN DAYANA SENA DE ARAÚJO

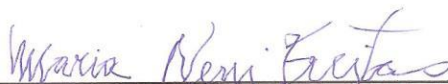
**CÂNTICO DOS CÂNTICOS: UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA E ERÓTICA
SOBRE O CÂNTICO SAGRADO**

Monografia submetida ao Curso de Licenciatura plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, em cumprimento às exigências necessárias para obtenção do grau de Licenciada em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dra. Maria Suely da Costa.

Aprovada em 10 de julho de 2015



Prof. Dra. Maria Suely da Costa
Universidade Estadual da Paraíba
Orientadora



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora

*Dedico à Damiana Pereira de Lima (in memoriam).
Grande tutora e amada avó que, através da sua simplicidade e ternura, nos rendia
cotidianamente provas infindas de amor materno.*

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a **Deus** que depositou em meu coração a vontade de realizar esta pesquisa, agradeço por ter me proporcionado quão valiosa carga de conhecimento e por suprir todas as necessidades que surgiram no decorrer deste trabalho. *Príncipe da Paz, Deus de Milagres, Deus do Recomeço, Pai de Amor...* Nunca poderei retribuir;
- Aos meus pais, **Lucimar** e **Pedro**, que não mediram esforços para que eu alcançasse a minha graduação, graduação esta que já posso chamar de “nossa”;
- Aos meus irmãos **Pedro Júnior** e **Paulo César** por todo esforço prestado e por cada carona cedida, a trilha sonora daquelas tardes a caminho da **UEPB** não é outra além de “(...) *you me faz correr demais os riscos dessa highway* (...)”;
- A cada um dos **professores** do curso de **Letras** da Universidade Estadual da Paraíba, que contribuíram para a minha formação profissional como docente, o meu muito obrigada! Em especial, agradeço a minha orientadora **Suely Costa** que me ajudou a construir esse trabalho;
- Ao **Pr. Marcos Ribeiro** por todo esclarecimento teológico prestado ainda no início da pesquisa, seu altruísmo nos tem contagiado: “*unidos somos mais fortes!*”;
- Especialmente sou grata a **Leandro Oliveira**, que em tempos difíceis e de poucos amigos tem demonstrado ser mais que amigo, um irmão. Suas palavras alegraram o meu coração quando me encontrei desanimada, *assim como Elias a Eliseu*, tens dividido comigo aquilo que te é presenteado do alto. Só posso agradecer a Deus por ter cultivado em nossos corações essa amizade que é “*Vintage, porém moderna e contemporânea!*”;

- Ao *Trio Maravilha*: **Simony Oliveira, Jessica Pessoa e Tatiana Diniz** que através de seus conselhos e suas ajudas formaram uma verdadeira base de apoio, fazendo com que a caminhada deste trabalho monográfico se tornasse um caminho mais leve;
- Por fim, quero agradecer de maneira geral a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que a realização desse trabalho fosse possível.

*“Certa vez li que prestaremos contas a Deus pelo tanto de amor que recebemos em
nossa vida e pelo o que fazemos com esse que é o maior de todos os dons que
podemos ter.”*

(Ana Paula Valadão)

RESUMO

O livro *Cântico dos cânticos* faz parte dos escritos que pertencem à Bíblia Sagrada, e tem sido objeto de especulação e pesquisas de cunho teológico e literário devido ao seu conteúdo poético-erótico. Em vista disto, este trabalho se propõe a fazer uma análise por um viés literário, do Cântico Sagrado, evidenciando o erotismo presente no livro e mostrando que, independente de fazer parte de um livro tido como sagrado, o poema aborda o amor Eros vivenciado por um homem e uma mulher. Utilizando a tradução da *Nova Bíblia Viva* (2010), nos embasamos em teólogos como Schultz & Smith (2005) e no Manual Bíblico SBB (2008) para demonstrar qual é a visão que o campo religioso defende sobre o poema, e ainda Domício P. Filho (1990) e Henry H. Halley (2002) que nos mostraram como se manifesta a linguagem literária no contexto bíblico. Para indicar o desenvolvimento do sentimento erótico entre as personagens principais, recorreremos aos teóricos; Lewis (2009), Bataille (1987), Durigan (1985), Alvarez (2013) entre outros estudiosos que contribuíram significativamente para nossa pesquisa.

Palavras-Chave: Cântico dos cânticos; Análise literária; Poema; Erotismo.

ABSTRACT

The book *Song of Songs* is part of the writings belonging to the *Holy Bible*, and has been the subject of speculation and theological literary research because of its poetic-erotic content. Therefore, this paper aims to make a literary analysis of *Sacred Song*, showing the present eroticism in the book and showing that, regardless of being part of a book considered sacred, the poem delss with the Eros love experienced by a man and a woman. Using the translation of *The Living Bible* (2010), we base in theorists like Schultz & Smith (2005) and Bible Handbook SBB (2008) to demonstrate what is the vision that religion defends about the poem, and still Domício P. Filho (1990) and Henry H. Halley (2002) showed us how it manifests literary language in the biblical context. To indicate the development of erotic feeling between the main characters, we resort to the theorists; Lewis (2009), Bataille (1987), Durigan (1985), Alvarez (2013) and other scholars who have contributed significantly to our research.

Keywords: Song of Songs; Literary analysis; Poem; Eroticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo I – O <i>CÂNTICO DOS CÂNTICOS</i> E SUAS PECULIARIDADES TEXTUAIS	13
1.1 A Poesia Hebraica e a Literatura Sapiencial.....	17
1.1.1 O passaporte para o Cânon das Escrituras: a autoria do rei e a interpretação alegórica.	22
1.1.2 Das alegorias: o simbolismo judeu e cristão.	24
Capítulo II – (D)AS PERCEPÇÕES ERÓTICAS.....	27
2.1 O Erótico e a impressão literária.	27
2.2 O Erótico e a impressão religiosa.....	31
Capítulo III – UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA E ERÓTICA SOBRE O CÂNTICO SAGRADO	33
3.1 Refrão e Declarações Repetidas em <i>Cântico dos cânticos</i>	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

O *Cântico dos cânticos*, também conhecido como *Cantares de Salomão*, trata-se de um poema essencialmente estruturado através de diálogos amorosos, o texto que se inicia de maneira insinuante com figuras de linguagens carregadas de conotações sexuais, pertence às Sagradas Escrituras e vem recebendo inúmeras interpretações teológicas e literárias devido ao seu conteúdo poético-erótico. Já no primeiro capítulo, a noiva demonstra o anseio que sente em obter os carinhos do futuro esposo declarando-lhe o desejo que ela sente de beijá-lo: “Beije-me mais uma vez porque o seu amor é mais doce que o vinho”. (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, cap. 1, vs. 2. In **Nova Bíblia Viva**, 2010, p. 560). Assim, o livro começa deixando claro para o leitor que as palavras exuberantes, que demonstram erotismo, estarão presentes durante todo texto.

Apesar de o texto apresentar passagens que indicam, através dos termos escolhidos pelo autor, relevante teor erótico em seus versos, muitas interpretações alegóricas foram disseminadas, sobre esse mesmo texto, como sendo este, um poema que irá descrever apenas a manifestação do amor divino para com o ser humano. Corroborando, encontramos declarações como essas no livro *Histórias de Amor da Bíblia* (2006, p. 12), como bem demonstra a seguinte citação:

(...) estes cânticos também foram e ainda são interpretados como imagens que descrevem o grande amor de Deus para com os seres humanos. Assim como um noivo ama a sua noiva ou uma noiva ama o seu noivo, um quer ficar próximo do outro, um se sacrifica pelo outro, da mesma forma Deus ama intensamente os seres humanos que ele criou (...), a Bíblia é uma única grande história de amor, um livro sobre o grande amor de Deus. E a intensidade desse amor por nós é expressa nas canções do Cântico dos cânticos. Elas são quase um retrato do amor de Deus.

Em vista disso, entendemos que muitas dessas interpretações alegóricas, foram criadas para resultar em uma explicação religiosa às manifestações de amor erótico presentes no livro. Entre tanto, sendo o livro de *Cântico dos cânticos* um livro poético, nos propusemos a trabalhar este livro como manifestação literária, evidenciando em seus versos o erotismo contido.

Dentro de algumas explicações advindas do âmbito religioso, o *Cântico dos cânticos* simboliza o amor de Cristo pela Igreja (isto na perspectiva cristã), ou o amor de Deus pela nação de Israel (isto na perspectiva judaica). Essas são explicações

de cunho teológico que visam ilustrar o íntimo relacionamento vivenciado entre os amantes durante todo o enredo de *Cantares*. Entretanto, essa visão nos limita a apenas enxergar, erroneamente, o *Cântico dos cânticos* como um livro alegórico que traz simbologias cristãs e judaicas em seu conteúdo, fazendo com que seja ofuscado todo o conteúdo poético, erótico e histórico presentes no texto.

Em nossa pesquisa, procuramos esclarecer que *Cantares* relata, antes de tudo, o amor Eros, amor que no poema se manifesta entre um homem e uma mulher, assim o desenvolvimento do relacionamento afetivo dos amantes será posto em evidencia, desde o início do sentimento erótico até a efetivação do ato sexual. Visto que, para alguns pesquisadores, o *Cântico dos cânticos* são cânticos entoados em núpcias, em cortejo nupcial ou em festas populares, e que essas seriam ocasiões propícias para a manifestação de declarações amorosas como as do *Cântico* (BARBOSA, 2012), propusemo-nos a analisá-lo como um texto literário. Para comprovar a literariedade desses escritos, nos apoiamos nas características da Literatura Sapiencial e da Poesia Hebraica apresentados por Halley (2002), assim, nos excertos analisados indicaremos onde ocorrem essas especificidades da linguagem que endossam e comprovam o sentido literário do texto.

Deste modo, temos como objetivo, enfatizar a manifestação do amor Eros presente no livro e evidenciar a literariedade dos versos do *Cântico dos cânticos*, fazendo com que a interpretação literária diferencie-se das interpretações de cunho teológicos que o poema tem recebido.

Com isso, acreditamos que nossa pesquisa contribuirá para reforçar a ideia de que, apesar de *Cantares de Salomão* encontrar-se nas sagradas escrituras, trata-se de um livro poético, pois sua estrutura aponta para esse gênero textual, e que embora o mesmo livro (por se encontrar em uma cultura diferente do qual fora produzido) tenha recebido uma interpretação canonizada pela religião institucionalizada, revela nada mais que os prazeres físicos e sentimentais que envolvem os seres humanos quando estes estão amando em Eros (ou com Eros).

Metodologicamente este trabalho adotou o tipo de pesquisa bibliográfica, primeiramente trataremos dos assuntos que cercam o texto em estudo, tais como a problemática da autoria e a questão da alegorização do *Cântico*. Além disso, discorreremos das teorias sobre a Literatura Sapiencial e a Poesia Hebraica como também as teorias sobre o erotismo e texto erótico, para só depois partimos para a análise dos fragmentos textuais do poema. Na análise dos dados, indicaremos as

figuras de linguagem presentes no texto e o Paralelismo que caracteriza o verso, vale ressaltar que este segundo é a principal característica da poesia hebraica. O estado em que Eros se encontra na relação afetiva das personagens principais (o rei Salomão e a camponesa Sulamita), isto é, o seu início, o seu desenvolvimento e seu amadurecimento, serão discutidos logo após a indicação e explicação das figuras de linguagem e dos paralelismos.

Desta maneira, o presente trabalho segue com a seguinte estrutura: no capítulo I, que se intitula “*O CÂNTICO DOS CÂNTICOS E SUAS PECULIARIDADES TEXTUAIS*”, serão discutidas questões como a estrutura textual do *Cântico* e as divergências sobre a autoria do mesmo. Será também nesse capítulo que abriremos o tópico que tratará das manifestações literárias que ocorrem dentro do contexto bíblico, em que serão apresentadas as teorias sobre a Literatura Sapiencial e a Poesia Hebraica. A questão da canonicidade atribuída ao poema e as interpretações alegóricas que o mesmo vem recebendo, serão igualmente discutidas neste capítulo.

Em “*(D)AS PERCEPÇÕES ERÓTICAS*”, capítulo II deste trabalho, discutiremos o conceito do Erótico, o mesmo será analisado sob a percepção literária e falaremos, em uma breve discussão, sobre como a religião institucionalizada (neste caso a cristã) tem tratado da questão erótica.

Por fim, temos o capítulo III: “*UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA E ERÓTICA SOBRE O CÂNTICO SAGRADO*”, esta parte do nosso trabalho é dedicada à análise dos excertos extraídos do *Cântico dos cânticos*, valendo-se das pesquisas realizadas sobre o erotismo e as especificidades da linguagem literária hebraica, examinaremos treze fragmentos que mostram o conteúdo erótico e literário do poema.

Para o andamento da análise, utilizamos a tradução do texto bíblico *Cântico dos cânticos*, presente na **Nova Bíblia Viva** (2010). Para as discussões teóricas levantadas por nós, nos apoiamos em textos e pesquisas de cunho teológico e literário, portanto, teóricos como Henry H. Halley (2002) Schultz&Smith (2005), Lewis (2009), Domício P. Filho (1990), Alvarez (2013), Durigan (1985), Georges Bataille (1987), entre outros, ofereceram consideráveis contribuições para a realização da nossa pesquisa.

Capítulo I – O CÂNTICO DOS CÂNTICOS E SUAS PECULIARIDADES TEXTUAIS

A Bíblia Sagrada é composta por uma coletânea de livros breves e longos que em seu todo somam sessenta e seis livros¹. Esses escritos, basicamente, dividem-se entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, o primeiro possui trinta e nove livros, sendo que o segundo é formado por vinte e sete livros. Estima-se que esses escritos foram concretizados no decorrer de 1.500 anos, por mais de quarenta pessoas diferentes (poetas, profetas, agricultores, reis, sacerdotes, pastor de ovelhas, cobrador de impostos, médico, pescadores etc.) em diferentes condições sociais (alguns eram pobres, outros ricos) que registraram diversos eventos ocorridos em seu contexto sociocultural (HALLEY, 2002). E, dentro desses registros é possível encontrar uma infinidade de gêneros textuais; cartas, poemas, contos, historiografias, crônicas, reflexões filosóficas, epístolas, ditos proverbiais, profecias, cânticos, entre outros.

Em meio a esse acervo histórico e literário, o livro *Cântico dos cânticos*, também conhecido como *Cantares de Salomão*, encontra-se no Antigo Testamento da Bíblia Cristã Protestante, entre o livro Eclesiastes e livro de Isaías. A autoria do *Cântico* é atribuída a Salomão filho do rei Davi, como é anunciado no início do livro; “Esta canção, mais bonita que qualquer outra, foi escrita pelo rei Salomão” (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, cap. 1, vs. 1. In Nova Bíblia Viva, 2010, p. 560²), e, do mesmo modo atribui-se este cântico a Salomão devido o pequeno segmento presente no capítulo quatro do livro Primeira Reis, onde é relatada a sabedoria e também a quantidade de provérbios e cânticos que o rei Salomão, provavelmente havia escrito: “ele foi autor e três mil provérbios e escreveu mil e cinco canções.” (REIS, 2010, p. 287). Apesar disso, tais motivos não se tornaram suficientes para sustentar Salomão como autor do *Cântico dos cânticos*. Existem opiniões adversas a respeito da autoria do poema, trataremos de tais posicionamentos mais adiante.

¹ Ressalta-se aqui que o presente trabalho tem se apoiado no conteúdo encontrado na Bíblia Cristã Protestante para realizar suas pesquisas.

² Esta referência indica todas as informações sobre o excerto extraído: Livro, capítulo, versículo, fonte da tradução, ano de edição e página. Contudo, para obtermos uma melhor estruturação desta pesquisa, as demais referências bíblicas sobre o *Cântico dos cânticos* e outros livros bíblicos que serão utilizados por nós no decorrer deste trabalho, serão abreviadas, onde indicaremos apenas o nome do livro em estudo, o ano da sua edição e a página onde se localiza o excerto. Como exemplo: CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560.

Comparado a outros livros da Bíblia como Jó, Salmos e Isaías, *Cantares de Salomão* é um livro pequeno, contém apenas oito capítulos. No entanto, as páginas resumidas deste poema lírico, oferecem ao leitor uma estrutura complexa, isto porque “as transições bruscas de um interlocutor para outro e de local para outro, sem nenhuma explicação das frequentes mudanças dos cenários e dos participantes, deixam o leitor em dificuldades para seguir a trama” (HALLEY, 2002, p.290).

Além da divisão tradicional de capítulos e versículos, algumas traduções bíblicas, no entanto, ocupam-se somente em dividir o poema entre a fala das personagens sem evidenciar o momento ou o local em que se situa o texto, deixando que a troca de cenários e a evolução dos acontecimentos da narrativa sejam captadas pelo leitor durante a leitura do texto³. Outras traduções, por sua vez, indicam além da mudança da fala entre as personagens, uma topicalização (variável dependendo da edição bíblica) para situar o leitor a respeito do local e momento em que se passa a narrativa⁴. Embora não façam grande explanação a respeito do poema como um todo, são elementos inseridos no texto que ajudam o leitor a compreender a transição de acontecimentos que ocorrem no *Cântico*.

O *Cântico dos cânticos* basicamente se divide em duas partes; do primeiro ao quarto capítulo nos é apresentado o início do amor, os amantes se elogiam e anseiam em ficarem juntos e do quinto ao oitavo capítulo ocorre o amadurecimento do amor, onde encontramos uma efetivação erótica por parte dos amantes. Certamente, essa divisão é variável de acordo com a edição do texto, todavia, Samuel J. Schultz e Gary V. Smith (2005) nos apresenta uma relação ordenada e mais detalhada dos acontecimentos do enredo do poema, trata-se de uma breve definição do desenrolar da trama, que pode nortear o leitor sobre a sucessão dos acontecimentos e o início de um novo episódio, onde ocorre a seguinte divisão:

- *Expressões mútuas de amor* (início do poema, episódio presente no primeiro capítulo até o sétimo versículo do segundo capítulo. Para exemplificar, destacamos um pequeno trecho em que ocorrem declarações afetuosas de ambos os amantes) 1.1-2.7:

³ Observado em Nova Bíblia Viva, 2010.

⁴ Observado em Bíblia Sagrada, 1995 e Bíblia de Estudo da Mulher, 2002

Meu amado é para mim como um ramo de flores do jardim de En-Gedi. Como você é linda, minha querida! Os seus olhos são tão suaves e meigos como os da pomba (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560).

- *O encontro do casal no campo* (episódio que se inicia a partir do versículo oito do segundo capítulo estendendo-se até o quinto versículo do capítulo três. Destacamos um dos segmentos em que ocorre a descrição do ambiente campestre) 2.8-3.5:

A figueira começou a dar os primeiros frutos; as videiras florescem. Que fragrância deliciosa elas tem! Levante-se minha querida, minha linda amada, e venha comigo (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 561).

- *A procissão nupcial e a cerimônia* (o episódio que vem a ser um enlace matrimonial, ocorre a partir do versículo seis do terceiro capítulo e prolonga-se até o versículo primeiro do quinto capítulo. O trecho destacado a seguir apresenta a comitiva que acompanham o rei) 3.6-5.1:

O que vem correndo pelo deserto, como uma nuvem de fumaça, cheirando a incenso, a mirra e a vários outros perfumes? Olhem! É a liteira⁵ de Salomão, cercada por sessenta homens valentes, escolhidos entre os melhores soldados de Israel (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 561).

- *O anelo da noiva por seu amor* (evento da trama ocorrido entre o segundo versículo do quinto capítulo até o nono versículo do sexto capítulo. No trecho destacado, notamos a personagem feminina elogiando o amado e comprovando o desejo de lhe pertencer) 5.2-6.9:

A sua boca é muito doce; ele é totalmente desejável. Ouviram, moças de Jerusalém? Esse é o meu amado. Esse é o meu noivo. Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 562).

⁵ Espécie de cadeira coberta, sustentada por duas varas longas, movida por homens ou cavalos. Utilizavam-na para carregar o rei e outras autoridades

- *O noivo assegura-lhe o seu amor* (a ocasião passa-se entre o primeiro versículo do capítulo sete, terminando no quarto versículo do capítulo oito. Destacamos o seguinte fragmento, em que o noivo além de elogiar a sua amada, declara que está a ela atado) 7.1-8.4:

Sua cabeça eleva-se como o monte Carmelo,
a coroa dos montes; o seu cabelo é como
púrpura. As suas tranças prenderam o rei.
Como você é linda! Como você é agradável,
meu amor! Que prazer você me dá!
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 563).

- *Afirmações finais de amor* (acontecimento que encerra o poema, situa-se entre o quinto versículo do capítulo oito estendendo-se ao décimo quarto versículo do mesmo capítulo. O trecho destacado nos mostra o pedido apaixonado que a amada faz ao noivo, alertando-lhe sobre os perigos que rondam o amor.) 8.5-14:

Guarda-me em seu coração, como uma prova
de amor eterno. Porque o amor é forte como
a morte, e o ciúme é cruel como a sepultura
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 563).

São três personagens principais que fazem parte do enredo do poema; o noivo, que conjecturamos ser o rei Salomão, a noiva, uma mulher que nos é apresentada como Sulamita e um coro de mulheres do palácio, chamadas “filhas de Jerusalém” ou “moças de Jerusalém”. Além desses personagens, como mostra o versículo oito do capítulo oito do texto em estudo, há um breve referimento aos irmãos de Sulamita: “Nós temos uma irmãzinha que ainda é muito pequena para ter seios. O que faremos com a nossa irmã no dia em que alguém a pedir em casamento?” (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 564). Em relação à noiva interpreta-se que esta era uma jovem camponesa de origem humilde pela qual o rei se apaixonou perdidamente, há também uma especulação muito trivial de que “Sulamita era Abisague de Suném, a mulher mais bela de todo o país, que atendeu a Davi em seus últimos dias (1Rs 1.1-4) e que certamente se tornou esposa de Salomão, visto que seu casamento com outro poderia ter sido uma ameaça para o trono (1 Rs 2. 17,22)” (HALLEY, 2002, p. 291). Ainda, considera-se que as “filhas de Jerusalém” seriam servas da realeza que atendiam, como criadas, a noiva do rei

Salomão, no poema elas desempenham um papel de coro, que evocam o sentimento de amor e afeição de Sulamita para como seu noivo.

Num clima pastoril, o cenário em que se passa toda a trama é de uma primavera florida, durante todo o texto é possível identificar imagens campestres que se espalham de Jerusalém até En-Gedi (ou Ein Gedi, oásis a oeste do Mar Morto, é afamado por suas grutas e nascentes além de possuir fauna e flora diversificada). São apresentados de forma descritiva árvores, jardins, flores, frutos, animais e montanhas arborizadas que reforçam a paisagem bucólica do poema e atribui uma vivacidade regional para o *Cântico*, numa proporção que, Sarom (a fértil planície litorânea ao norte de Israel), Hermom (a montanha de 3.000m de altura na fronteira entre Israel e o Líbano), Tirza (uma bela cidade, primeira capital do reino do norte, o reino de Israel) e Carmelo (a montanha que forma hoje um lindo pano de fundo para o porto de Haifa) são citados no texto evidenciando as metáforas e as figuras de linguagens orientais (MANUAL BÍBLICO SBB, 2008).

Além de muitas frutas e outras iguarias, é também mencionado nos cânticos finas especiarias como o nardo (erva aromática), o açafraão (erva da qual é retirado um pó amarelo que é usado como corante, tempero e medicamento), o cálamo (planta aquática, também conhecida como cana-cheirosa, possui o tronco amargo e bastante aromático), a canela (especiaria retirada da parte interna da casca e do tronco da Árvore Caneleira), o aloés (planta usada como aromatizante e também para fins medicinais) e a mirra (resina perfumada retirada de árvores que levam o mesmo nome que seu produto; Mirra), elementos que o autor emprega, através de um belo jogo de cultismo, de maneira que, incitam o olfato, o tato, a visão e o paladar, aguçando assim sentidos do leitor (MANUAL BÍBLICO SBB, 2008).

Essas características reforçam ainda mais a literariedade contida no texto, dentro do que seja a literatura e poesia hebraica, Henry H. Halley em seu Manual Bíblico (2002) nos exemplifica como se dá essas manifestações literárias, de acordo com o contexto bíblico, passemos, pois, a analisá-las.

1.1A Poesia Hebraica e a Literatura Sapiencial.

O discurso não-literário tem por finalidade própria transmitir com clareza a informação. Sendo este instrumento objetivo da comunicação, por vezes, não exige do leitor uma postura de alta interpretação diante do texto. Visto que neste as

palavras desempenham principalmente o papel de apresentar de forma direta e transparente, de acordo com o nosso código linguístico, as ideias que estão presentes no texto. No discurso literário não acontece o mesmo, este está a serviço da criação artística e é carregado de conotação, fatores que dão para a palavra um sentido translato, que vai além da significação que a ela é empregada. Para Domício Proença Filho (1990) “o texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de objeto estético”. Isto significa dizer que o discurso literário irá repercutir de forma distinta para o leitor, pois ele revelará as diferentes formas de interpretação e emoções que se abrigam no leitor de acordo com a sua realidade social, cultural e intelectual.

Encontramos, nos versos de *Cantares de Salomão*, especificidades da linguagem que evidenciam a literariedade contida no seu corpo textual. Antes de tudo, emana do texto uma linguagem conotativa; a complexidade contida nos versos se dá através das metáforas utilizadas pelo autor, atribuindo assim, outras significações para certos vocábulos, ultrapassando sua forma meramente denotada. Ao apresentar tais especificidades, *Cantares* afasta-se da monossignificação do discurso não-literário para a multissignificação que o texto literário possui. Dentro do texto bíblico como um todo, Halley (2002) defende que o conteúdo literário de *Cantares de Salomão* trata-se de Literatura Sapiencial apresentando-se não em prosa, mas em versos.

De acordo com o mesmo teólogo, é bem provável que um terço dos escritos do Antigo Testamento seja composto em forma de poesia, fazendo com que a prosa e a poesia hebraica criassem uma estreita ligação entre si. Em ocorrência desse íntimo laço surge a dificuldade que o leitor possa vir a ter em identificar as características de ambas as formas de escrita. De fato, as características textuais da Literatura Sapiencial (ou literatura de sabedoria) não se diferenciam muito da Poesia Hebraica, contudo, o fator principal que as difere é o teor dos assuntos abordados, isso porque “a literatura sapiencial é *poética* na forma, mas *prática* no conteúdo. Não procura comunicar conhecimentos factuais ou abstratos, mas, sim, ensinar habilidades práticas para o viver” (HALLEY, 2002, p. 249). Isto é, a Literatura Sapiencial tem a função de instruir, alertar o homem para que esse possa conviver em harmonia com a natureza e entender as ordenanças divinas para sua vida. Assim também, a literatura sapiencial contida no Antigo Testamento, provoca o leitor

a pensar sobre os diversos assuntos que rodeiam o seu cotidiano fazendo com que ele possa encontrar meios, que o levem a alcançar um bem-estar consigo mesmo e com o meio em que vive.

Dentro dessa esfera, encontramos algumas tipicidades próprias da Literatura Sapiencial como, por exemplo, o **aforismo**, a **instrução**, os **ditados** (do tipo “é melhor”) e a **disputa** (ou controvérsia verbal).

O *aforismo* consiste em uma sentença breve que traz consigo uma moral de validade abrangente, o que, geralmente, consideramos como um provérbio, a exemplo, “os sábios escondem a sabedoria, mas a boca do tolo é uma destruição” (PROVÉRBIOS, 1995, p. 684). A *instrução* aborda trechos mais longos, como mostra o seguinte texto onde a exortação se refere à presença das más companhias;

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; os loucos desprezam a sabedoria e a instrução. Filho meu, ouve a instrução de teu pai e não deixes a doutrina de tua mãe. Porque diadema de graça serão para a tua cabeça e colares para o teu pescoço. Filho meu, se os pecadores, com blandícias, te quiserem tentar não consintas. Se disserem: vem conosco, espiemos o sangue, espreitemos sem razão os inocentes. Traguemo-los vivos, como a sepultura, e inteiros, como os que descem à cova; acharemos toda sorte de fazenda preciosa; encheremos as nossas casas de despojos; lançarás a tua sorte entre nós; teremos todos uma só bolsa. Filho, meu, não te ponhas a caminho com eles; desvia o teu pé das suas veredas. Porque os pés deles correm para o mal e se apressam em derramar sangue (PROVÉRBIOS, 1995, p. 676).

Já os *Ditados* se diferenciam ao apresentar uma melhor condição para ser seguida, os seguintes trechos bem exemplificam essas características; “melhor é o pouco com justiça do que a abundância de colheita com injustiça.” (PROVÉRBIOS, 1995, p. 676) e “é melhor confiar no Senhor do que confiar no homem” (SALMOS, 1995, p. 659). Por sua vez, a *Disputa* se caracteriza por uma controvérsia verbal onde ocorre um debate sobre assuntos, filosóficos, religiosos, literários etc., o melhor exemplo para esse tipo de Literatura Sapiencial são os livros de Jó e Eclesiastes. O capítulo 3 de Jó relata, por exemplo, o lamento de Jó em meio à sua miserabilidade de vida e o momento em que ele se encontra entrando numa crise existencial, e em Eclesiastes, também no capítulo 3, onde se é relatado sobre o curso natural da vida e sobre a efemeridade de certos acontecimentos.

Existem livros no Antigo Testamento que não são essencialmente poéticos (Rute, Levítico, Ageu, Malaquias, Êxodo, por exemplo), mas que contém poemas ou

que, podem conter, em alguns capítulos isolados, alguma forma poética ocasionalmente inserida. A poesia portuguesa, em geral, possui rima em sua forma estrutural, a poesia hebraica, por sua vez, necessariamente não precisa apresentar rimas em sua construção, além disso, duas características que compõe o corpo textual da poesia hebraica podem ser facilmente reconhecidas dentro do texto, mesmo depois das traduções sofridas pelo o mesmo: a **linguagem figurada** e o **paralelismo**. O segundo é uma marca registrada da poesia hebraica e a respeito disso,

(...) o bispo Lowth, que, em suas preleções sobre poesia hebraica em 1741, foi o primeiro a dar o nome de 'paralelismo' a esse estilo poético, mostrou que esta estrutura, baseada no significado, pode ser traduzida para a prosa em qualquer língua com muito pouca perda, ao contrário da poesia que depende de métrica complexa ou vocabulário especial (MANUAL BÍBLICO SBB, 2008, p. 345).

Para Halley (2002), as formas mais frequentes de linguagem figurada que ocorrem na poesia presente no Antigo Testamento são a **metáfora**, a **símile**, a **hipérbole** e a **personificação**. A *metáfora* ocorre quando se é usado uma palavra para substituir outra na qual encontre alguma semelhança relacionada, um exemplo muito conhecido, “o Senhor é o meu pastor; nada me faltará” (SALMOS, 1995, p. 606). A metáfora aqui demonstrada está no fato de o pastor ser um cuidador e protetor do seu rebanho, toma-se então o Senhor como um pastor pessoal, como o benfeitor.

A *símile* apresenta uma analogia entre dois ou mais termos, evidenciado assim a semelhança existente entre eles, como vemos em *Cantares*, “sim, você é um lírio entre os espinhos; assim é minha amada entre as outras moças” (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560). Compreende-se então, que aos olhos do amante, nenhuma mulher possui a beleza que tem a sua amada, pelo contrário, essa era visivelmente a mais bela.

Na *hipérbole* ocorre um exagero demasiado que visa um efeito literário para o texto, figura de linguagem amplamente encontrada nos Salmos: “com ele ao meu lado sou capaz de derrotar um exército; com o meu Deus posso saltar os muros mais altos.” (SALMOS, 2010, p. 464). Nesta ocasião, vemos claramente o efeito da hipérbole utilizada na descrição da força excessiva para realizar grandes feitos.

Por fim, na Poesia Hebraica, a *personificação*, remete às coisas inanimadas como se tivessem vida: “que o mar imenso louve o Senhor com o grande barulho das suas ondas! Louvem a terra e os seus habitantes! Os rios baterão palmas e os montes cantarão juntos de alegria” (SALMOS, 2010, p. 502), personificam-se aqui os elementos mar, rio e montes atribuindo-lhes ações que são realizadas pelo homem.

Em relação ao **Paralelismo**, Halley (2002) defende que, na Poesia Hebraica existem o *paralelismo inverso*, o *paralelismo emblemático*, o *paralelismo sintético* ou *culminante* e o *paralelismo sinonímico*. No primeiro modo, o verso, primeiramente, evoca um sentimento, sendo que a segunda parte do verso se é declarado o oposto do que foi dito: “porque o Senhor conhece o caminho dos justos; mas o caminho dos ímpios perecerá.” (SALMOS, 1995, p. 596). No paralelismo emblemático, ocorre uma *símile* na primeira parte do verso e a segunda parte encarrega-se de demonstrar o sentido literal do verso inicial: “pois quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem.” (SALMOS, 1995, p. 650).

Já no paralelismo sintético ou culminante, o segundo verso completa o pensamento do primeiro: “confie no Senhor e procure fazer o bem; assim você viverá tranquilamente em seu lugar e desfrutará de toda a segurança.” (SALMOS, 2010, p. 473). Por sua vez, no paralelismo sinonímico ocorre a mesma idéia de pensamento, tanto no primeiro como no segundo verso, sendo que se é apresentado a mesma ideia com palavras diferentes: “Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Quem morará no teu santo monte?” (SALMOS, 1995, p. 650).

Além da linguagem figurada e do paralelismo, a poesia hebraica também possui outras características em seu corpo textual, nela podemos encontrar *refrões*, presentes, por exemplo, nos Salmos 42 e 43 onde há uma repetição de um verso específico e *declarações* repetidas que podem ocorrer no início e no fim do poema, como, por exemplo, as declarações encontradas no Salmo 118.

Efetivamente, a Literatura Sapiencial e a Poesia Hebraica, a pesar de possuírem formas textuais semelhantes, possuem características específicas, e se comportam de diferentes maneiras no Antigo Testamento. Logo, concluímos que toda Literatura Sapiencial é poética na sua forma de escrita, mas que nem toda Poesia Hebraica contida no Antigo Testamento trata-se de literatura sapiencial. Halley (2002) define que cinco livros do Antigo Testamento são visivelmente poéticos: *Jó*, *Salmos*, *Provérbios*, *Eclesiastes* e *Cântico dos cânticos*. Sendo que destes cinco, quatro trazem em seu conteúdo uma forte literatura sapiencial, ou seja,

apresentam instruções práticas para a vida do homem, são eles: *Jó*, *Provérbios*, *Eclesiastes* e *Cântico dos cânticos*. Por conseguinte, *Salmos* se caracteriza como um livro que tem o seu conteúdo puramente poético. Já o sentido prático de *Cânticos*, defende Halley (2002), está no fato deste expor de forma saudável a intimidade do amor conjugal e sexual de tal forma que o leitor possa tomá-lo como exemplo em seus relacionamentos afetivos.

O *Cântico dos cânticos* trata-se de um poema onde se é explicitada a paixão entre dois amantes, entretanto, por ser um livro pertencente às Sagradas Escrituras e trazer em seus versos passagens que revelam um conteúdo erótico, o *Cântico* tem sido motivos de especulação e diversos questionamentos. Além dos elementos textuais que compõe a narrativa do poema, dúvidas em relação à sua autoria e a sua canonicidade (isto é, dentro do campo religioso, o quão sagrado possa ser a obra) são frequentemente levantadas. Passemos, pois fazer uma sucinta explanação sobre tais questionamentos.

1.1.1 O passaporte para o Cânon das Escrituras: a autoria do rei e a interpretação alegórica.

Os livros que compõe a Bíblia que conhecemos atualmente são resultados de uma seleção efetuada no decorrer de muitos séculos, longe de ser um concílio organizado com o único propósito da escolha e abnegação de livros religiosos, o Cânon das Escrituras ocorreu em diferentes épocas, porém, por motivos semelhantes. A palavra cânon ou cânone, do hebraico *qenéh*, do grego *kanóni*, significa vara ou régua, ganhando nesse contexto a conotação de regra ou padrão. Sobre o período em que ocorreu a compilação dos trinta e nove livros que formam o Antigo Testamento, Halley (2002, p. 843) afirma que

(...) não se sabe exatamente quando foi resolvido que a Bíblia hebraica (o nosso AT) deveria ser limitada aos 39 livros que agora contém, considerados o cânon do AT. É provável que o cânon do AT tenha chegado à sua forma final nos séculos imediatamente anteriores aos dias de Cristo.

Dos critérios de escolha para a validação ou rejeição dos livros que hoje pertencem ao Antigo Testamento, além das questões religiosas e culturais acerca dos livros, enfatizam-se duas razões principais. Os livros que estão no cânon foram

tomados pelos judeus como “livros inspirados por Deus que eles reconhecem como Escrituras com autoridade divina” (MANUAL BÍBLICO SBB, 2008, p. 70). No que diz respeito à exclusão de alguns livros das Sagradas Escrituras, os motivos foram a autoria incerta de alguns livros e “a literatura considerada muito recente ou arriscada em sua teologia ou que estava associada a grupos dentro do judaísmo e não a toda a comunidade judaica” (MANUAL BÍBLICO SBB, 2008, p. 70).

Mediante a tais requisitos, existem razões específicas para que se efetivasse a inclusão e permanência do livro *Cantares de Salomão* no Cânon. As características dos cânticos levam a crer que a sua autoria está intrinsecamente ligada ao rei Salomão, filho de Davi, isso por que há uma hipótese que se “fundamenta na roupagem aramaica e grega de vários termos que aparecem no texto. Isto permitiu que os estudiosos considerassem a origem do texto numa época pós-exílica” (JARDILINO & LOPES, 2009). E, nas edições contemporâneas das traduções da Bíblia Sagrada, o primeiro verso do poema em questão, como foi demonstrado anteriormente, descreve o rei Salomão como autor do *Cântico*.

No entanto, na bíblia hebraica o poema se inicia com uma construção gráfica (dentro do código linguístico hebraico) cujo significado poderia ser uma dedicatória, uma descrição do tema a ser exposto no texto ou uma assinatura. (BARBOSA, 2012). Em decorrência a essa ambiguidade presente no texto original e não explicitada nas traduções atuais, não é de se estranhar que a suposta autoria do rei seja recusada por muitos pesquisadores. Ainda assim, mesmo sem uma explicação histórica admissível, Salomão ficou com o título de autor do texto, uma das razões que justificam essa aceitação imediata no meio religioso seria o fato de ter um nome que carregasse certa importância⁶ “para conferir prestígio a uma obra anônima” (CAVALCANTI, 2005 apud BARBOSA, 2012, p. 91). Ainda sobre essa associação, Barbosa (2012, p. 92) explica que

(...) é provável que tenha sido associado ao nome de Salomão (cuja evidência de biografia verificável é exígua) por duas razões: a primeira, obviamente, pela fama de sábio do rei, visto que o leitor já se sentia instigado a procurar significados ocultos por detrás daquela sexualidade tão explícita – a qual, pelos novos padrões religiosos, não poderia ser o sentido primordial dum texto agora tido como sagrado –; a segunda razão seria porque não causa tanto escândalo saber que um homem a quem se reputava uma vida sexual

⁶Salomão, além de ser afamado como um homem extremamente sábio, tem a construção do primeiro templo de Jerusalém a si atribuída.

extremamente ativa escreveu um livro que se fala sobre sexo. Essa proposta atributiva ganharia mais aceitação, até ao ponto em que se tornaria tradição e, por fim, dogma em um tempo bem mais tardio, em um contexto religioso ainda mais diverso.

Além da autoria atrelada a Salomão e de algumas características no corpo textual de *Cantares*, existe uma forte propagação de determinadas interpretações alegóricas que cercam os cânticos. A ideia de que o enredo do texto trata-se apenas da manifestação do amor divino, por exemplo, foi como afirma Jardimino e Lopes (2009, p), “uma interpretação que se impôs na história eclesiástica porque leva os leitores a uma compreensão espiritual do texto, tendo servido inclusive para justificar a sua entrada no cânon escriturístico”.

Nessa visão, as passagens claramente eróticas não foram removidas do texto, mas, ganharam uma definição, ou melhor, uma argumentação santificada, para cada ato descrito no poema. Barbosa (2012, p.103) afirma que “os apólogos e comentaristas religiosos judeus parecem ter sido os primeiros a apelar para a negação do significado superficial (concreto) do conteúdo, valendo-se de uma de uma leitura alegórica extremamente etérea do cântico”, Barbosa (2012), do mesmo modo, nos afirma que posteriormente os cristãos também viriam a lançar um olhar puritano sobre o texto. Trataremos de elucidar essas interpretações e simbolismos no tópico seguinte.

1.1.2 Das alegorias: o simbolismo judeu e cristão.

Não se pode negar que as interpretações alegóricas sobre *Cantares de Salomão* foram amplamente difundidas, alcançando assim, grande êxito. Isto porque, foi através delas que se criou o simbolismo religioso que dá sustentação ao embasamento teológico de muitos judeus e cristãos em relação às manifestações de amor presentes no livro. Isto é, para muitos o livro poético é uma demonstração clara de amor divino, nele estaria, não descrito o simples sentimento afetuoso entre dois amantes, mas o amor de Deus para aqueles que o amam. Sendo assim, para os judeus, *Cantares* representa algo mais profundo do que a celebração dos prazeres nupciais e sexuais, os escritos tornaram-se mais uma impressão do amor

de Deus para com a nação de Israel, e para os cristãos, com a mesma intensidade, o cântico seria a descrição do amor de Cristo para com a Igreja⁷ (HALLEY, 2002).

Vendo pela ótica da religião institucionalizada, as causas que reforçam tais impressões sobre o Livro de *Cantares de Salomão* não param por aí, há em todo contexto bíblico passagens que reforçam o pensamento judeu e cristão. Fazendo uma ligação das seguintes passagens bíblicas aos *cânticos*, nota-se como se é gerada a argumentação para justificar o pensamento espiritual atribuído ao poema. Adiante, temos o exemplo de um trecho do livro de Isaías, onde é descrita a “Glória futura de Jerusalém”:

(...) por amor de Sião, não me calarei e, por amor de Jerusalém, não me aquietarei, até que saia a sua justiça como um esplendor, e a sua salvação como uma tocha acesa. E as nações verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória; chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do Senhor nomeará. E serás uma coroa de glória na mão do Senhor e um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão desamparada, nem a tua terra se denominará jamais assolada; mas chamar-te-ão *Hefzibá*⁸; e à tua terra *Beulá*⁹, porque o Senhor se agrada de ti; e com a tua terra o Senhor se casará. Porque como um jovem casa com a donzela, assim teus filhos se casarão contigo; e, como o noivo se alegra com a noiva, assim se alegrará contigo o teu Deus (ISAÍAS, 1995, p. 770).

Narra-se aqui, o anseio do enlace espiritual que Jerusalém, enquanto terra assolada, espera ter com o Deus de Israel, do mesmo modo em *Cantares*, se é associado o anseio de Sulamita a ver seu noivo Salomão, como uma evocação de Jerusalém (ou da própria nação de Israel) ao seu Deus.

Por conseguinte, na narração de alguns trechos do Novo Testamento, Cristo toma a Igreja Primitiva como Noiva, um exemplo claro de tal passagem, é descrito no livro de Apocalipse (também conhecido como livro da Revelação), “As bodas do Cordeiro”, episódio defendido pelos cristãos como o reencontro de Jesus com a sua amada noiva – a Igreja:

(...) e ouvi como que a voz de uma grande multidão, como que a voz de muitas águas, como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina. Regozijemo-nos e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se

⁷ Afastando-se de qualquer denominação da Religião Institucionalizada, Igreja, nesse contexto, equivale a todo àquele que segue os princípios cristãos.

⁸ A Terra do Prazer de Deus.

⁹ Minha Esposa.

vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos. E disse-me: Escreve: Bem-aventurados são aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro (APOCALIPSE, 1995, p. 1275-1276).

Em *Cantares*, como já dito antes, para os cristãos, Salomão e Sulamita personificam-se como Cristo e Igreja, interpreta-se então, todo o enredo do poema como uma manifestação de um amor sublime e da aspiração que ambas as personagens sentem em unir-se.

Mediante a essas passagens bíblicas altamente metafóricas, não é de se estranhar que os *cânticos* contidos no Antigo Testamento ganhassem, dentro desse contexto, um sentido conotativo (espiritual) de mais uma declaração do amor divino. Ressalta-se ainda que “apesar de muitas discrepâncias hermenêuticas entre os pólos teológicos cristão e judaico, em um aspecto, pelo menos, as duas instituições concordariam: nenhuma das duas endossaria uma visão literal do *Cântico* em oposição à alegorização” (BARBOSA, 2012, p.65). Para Jardimino e Lopes (2009), um dos principais fatores que impulsionaram a difusão da visão espiritual de *Cantares*, está no fato de que, através de dogmas religiosos, constituídos no decorrer da história da igreja, se estabeleceu uma moral puritana em meio a certos grupos cristãos, fazendo com que a interpretação vigente fosse amplamente aceita. Assim, vemos que, embora, seja pouco provável que o Cântico dos cânticos tenha sido escrito por Salomão, e que o seu conteúdo literal (erótico) fosse por vezes omitidos do texto achou-se, para o poema, argumentos convenientes que justificassem a sua canonicidade.

Capítulo II – (D)AS PERCEPÇÕES ERÓTICAS

2.10 Erótico e a impressão literária.

Proveniente de *erotikós*, palavra derivada de Eros (deus grego do amor), surge o termo *erótico* que, no âmbito da psicanálise ganharia o significado de símbolo do desejo, da vida, tendo a libido como a fonte principal de energia (DURIGAN, 1985). Por estar diretamente ligada ao ato sexual, a manifestação erótica, por vezes, é colocada lado a lado com o sexo, entretanto, a contemplação erótica vai mais além das sensações genitais, assim corrobora Bataille (1987, p.10) ao afirmar que “a atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica”. Deste modo, manifestações psicológicas que emanam do homem, tais como, medo, anseio, esperança, atração, desejo, ciúmes, raiva, apego, entre outras, completam o quadro daquilo que venha a ser o sentimento erótico. Portanto, notamos que “sexo é animal, só corpo. Erotismo é humano, é interno, é sensível” (BATAILLE, 2004 apud STROZZI, 2007, p. 50)

Diferenciando o erotismo da atividade sexual pura e simples, Paz (1999 apud STROZZI, 2007, pp. 50 e 51) nos afirma que

(...) mesmo em suas expressões mais simples e cotidianas – a satisfação do desejo, brutal, imediata e sem conseqüências – o erotismo não se deixa reduzir à pura sexualidade animal. Entre ambos existe uma diferença que não sei se devo chamar de essencial. Erotismo e sexualidade são reinos independentes, embora pertençam ao mesmo universo vital. Reinos sem fronteiras indefinidas, mutantes, em mútua interpretação sem jamais se fundir inteiramente. (...) a sexualidade é geral; o erotismo, singular.

Entretanto, mesmo que a atividade erótica esteja diretamente ligada ao homem, não significa dizer que todo ato sexual praticado pelo homem venha ser uma manifestação erótica, ou seja, o homem também pode produzir uma relação puramente sexual, afastando-se daquilo que temos por erótico. A respeito disso Lewis (2009), que toma Eros por um estado de se “estar amando”, nos afirma que o ato sexual pode ocorrer com Eros ou sem Eros, dando o nome de *Vênus* ao ingrediente carnal, ou melhor, sexual contido nas manifestações eróticas. Dando-nos

a entender que (o elemento) *Vênus* seria o fator responsável pelas sensações físicas experimentadas por aqueles que estão envolvidos em Eros.

O prazer erótico, continua afirmando Lewis (2009), não irá priorizar o ato sexual em si, mas o ser amado. O amante não se preocupa em ter um alguém a quem possa amar, mas se prende a um ser específico, aquele que desperta em seu íntimo as sensações psicológicas e biológicas próprias ao sentimento erótico, dessa maneira, o amante não está atento para os prazeres que o ser amado pode lhe proporcionar, mas especificamente no ser amado. Do mesmo modo reafirma Paz (1999 apud STROZZI, 2007, p. 54) ao dizer que o erotismo “é um ato interpessoal que exige um ator e pelo menos a presença de um objeto, mesmo que seja imaginário. Sem o ‘outro’ não existe erotismo”.

Sobre o despertar do sentimento erótico, Lewis (2009) nos aponta que esse poderá desenvolver-se, em alguns casos, como um simples desejo sexual que mais tarde evoluirá e apontará as mistas sensações que Eros conduz. Entretanto, corrobora o mesmo autor que, comumente o que se desenvolve primeiro é uma suave preocupação com um ser em especial, o amante passa a preocupar-se com o ser amado cultivando por ele desejos, que não são especificamente desejos sexuais. Aquele que ama passa então, a admirar o ser amado contribuindo para que as mistas emoções, que brotam desse desassossego, abram caminho para vontade sexual em si.

A sublimação que Eros causa, encobre de certa maneira o ingrediente carnal (*Vênus*) referente a esse sentimento. Mas, toda a efetivação erótica ocorre quando os amantes se encontram e podem doar-se mutuamente aos sentimentos que foram despertados. Nesse momento, anulando-se dos conceitos entre dar e receber, os amantes se completam quando se dispõem a entregar-se e a possuir (LEWIS, 2009).

Deste modo, vemos que quando se é cultivado o sentimento erótico, ama-se gratuitamente e as emoções, anseios e sensações são voltadas para um ser específico. Compreende-se então que, os estímulos sexuais que são sentidos pelo corpo do homem sem Eros, ou fora Eros, é um acontecimento inerente ao homem, contudo, quando o sentimento erótico atua, as diversas sensações que este provoca são ligadas ao outro, causados pelo ser amado (LEWIS, 2009).

O erotismo é, portanto, sexual, mas por atribuir à sua ação características íntimas ligadas ao ser humano, faz com que a sexualidade pura e simples afaste-se

do sentimento erótico, em outras palavras, “o erotismo não é uma simples imitação da sexualidade: é a sua metáfora” (PAZ, 1971 apud DURIGAN, 1985, p. 38).

Além dos domínios da psicologia e da biologia, a literatura, com suas ferramentas específicas de escrita, também se encarrega de registrar esses sentimentos próprios que envolvem os seres humanos quando estão amando em Eros, através dos *textos eróticos*. Para Durigan (1985, p. 31) o texto erótico tem “a finalidade de montar textualmente o espetáculo erótico, tecendo de mil maneiras as relações significativas que o configuram”. Os elementos que vem a compor o erotismo presentes no texto se revelam através das metáforas utilizadas que o autor lança mão para que o texto alcance o nível de erotismo desejado.

No que se refere à linguagem dos textos eróticos nota-se que esses são carregados, muitas vezes, de uma elocução velada, levando o significado do texto a brigar-se “no domínio do implícito, do não-dito, das entrelinhas, do sussurro, que, com o tempo, passaram a ser aceitos quase como suas características absolutas” (DURIGAN, 1985 p. 11). Contudo, encontramos muitos textos literários que possuem uma linguagem mais clara que revelam abertamente o a intenção do autor ao pôr-se a representar uma manifestação erótica.

A representação do texto erótico, no entanto, irá refletir de forma diferenciada se analisarmos o contexto histórico, social e cultural em que foi escrito determinada obra. A exemplo desta diferenciação entre as representações eróticas, podemos citar então os manuais sacro-eróticos da Índia Antiga, como o *Kama Sutra* de M. Vatsyayana, em nosso contexto sócio-cultural esses livros são vistos, na maioria das vezes, meramente como livros de “sacanagem”. Porém, no Oriente onde a separação entre corpo e alma, não reverberam como no Ocidente, esses livros são tidos como manuais práticos de comportamentos sexuais altamente refinados (DURIGAN, 1985). Portanto, entendemos que a manifestação erótica ocorre de maneira variável e que, apesar de ser um sentimento íntimo, próprio dos seres que o vivem, existem, além do desejo e da imaginação que regem os atos dos amantes, elementos externos que influenciam diretamente no ato erótico (e/ou a forma como ele possa ser interpretado), fazendo com que este venha sofrer uma variação segundo “o clima, a geografia, com a sociedade e a história, com o indivíduo e o temperamento. Também com a ocasião, a sorte e a inspiração do momento” (STROZZI, 2007, p. 68).

A finalidade do texto erótico, como dito antes, tem ligação direta com a época em que a obra foi produzida. Desse modo, essa mesma obra pode conduzir algumas discussões éticas e morais acerca do seu conteúdo quando é colocada sob interpretação em um contexto diferente do qual fora produzida. Exemplificando essas diferenciações de carga e valor cultural em relação aos textos eróticos, Moravia (1961, pp. 6 e 7) faz o seguinte comentário entre o erotismo encontrado na literatura pagã e o erotismo encontrado na literatura moderna:

(...) O erotismo da literatura pagã mantém toda a inocência, a brutalidade e a densidade de uma natureza que o sentido cristão do pecado ainda não percebeu e direcionou contra si mesmo; enquanto que o erotismo da literatura moderna não pode não se dar conta da experiência cristã. Em outras palavras, o erotismo da literatura moderna nasce não de um fato natural, mas, sim, de um processo de liberação das proibições e dos tabus preexistentes. A liberdade dos pagãos era um fato inconsciente, ingênuo; a liberdade dos modernos é, ao contrário, recuperada, reencontrada e reconquistada (...); compreendendo, então, com o termo “erotismo” a transformação do sexo em algo cientificamente conhecido e poeticamente válido, e, por isso, insignificante do ponto de vista ético.

Moravia (1961) afirma que não há motivos para colocar em questões éticas e moralistas a finalidade do texto erótico (refere-se ao texto erótico moderno), visto que já passamos por uma quebra de tabus que foram erguidos no decorrer de muitos séculos em nossa cultura, hoje o escritor que deseja exprimir textualmente o jogo do erotismo, tem a liberdade de expor de forma clara as manifestações eróticas e sexuais em sua obra, sem ter a preocupação de recheá-la de metáforas e implícitos para que esses elementos venham anuviar o teor erótico. Não é uma regra a ser seguida, mas aquele que não quer atribuir grandes conotações ao seu texto tem, atualmente, a liberdade de não o fazer.

Através das distinções apresentadas por Alberto Moravia (1961) sobre a carga e o valor cultural que cada texto carrega, entendemos o conceito de texto erótico que defende Durigan (1985, p. 38), quando diz que o texto erótico nada mais é que “uma representação da representação cultural da sexualidade, que depende necessariamente da época, dos grupos sociais, das pessoas, e que se afirma sempre através da diferença, mesmo que essa diferença seja conseguida por um conjunto de redundâncias.”

Apesar das teorias recorrentes a respeito da importância da contextualização do texto erótico, ainda existem alguns escritos que causam espanto em

determinados leitores por possuírem em seu conteúdo cenas que revelam claras manifestações eróticas entre as personagens principais. O *Cântico dos cânticos*, por exemplo, que não é necessariamente direcionado ao público cristão, mas, por fazer parte das Sagradas Escrituras, têm levantado alguns questionamentos a respeito da impressão erótica que o poema apresenta. A perspectiva religiosa sobre o erotismo será brevemente tratada no tópico seguinte, que elucidará o entrave interpretativo que a religião institucionalizada depositou sobre o *Cântico dos cânticos*.

2.20 Erótico e a impressão religiosa

As passagens eróticas de um livro pertencente à Bíblia, e assim tido como sagrado, podem causar ao leitor contemporâneo certo assombro. O texto de *Cântico dos cânticos* lhe apresentará, além de descrições anatômicas minuciosas, a exaltação ao corpo, incluindo as partes que deveriam ser “cobertas” (BARBOSA, 2012). Sabendo que o cristianismo tem levantado algumas restrições a respeito do corpo, e conseqüentemente do erotismo, criou-se, nessa esfera, uma visão demonizada do corpo, de modo que as palavras *sexo* e *Deus* se evitam numa mesma frase. Assim sendo,

O que quer que provenha do estomago, dos intestinos, da batida do coração, dos nervos, da bÍlis, do sêmen – todas as indisposições, fraquezas, irritações, todos os casos de uma máquina que conhecemos tão pouco! – tudo isso um cristão [...] tem de considerar um fenômeno moral e religioso, perguntando se ali se acha Deus ou o Diabo, o bem ou o mal, a salvação ou a danação (NIETZSCHE, 2004 apud CARDIM, 2009, p. 75).

Em vista disso, Barbosa (2012) nos explica que ocorre então, uma desconexão entre o mundo que produziu os cânticos e o mundo que o canonizou, visto que é bem provável que numa outra cultura, e num outro momento histórico-social, declarar abertamente os desejos eróticos e sexuais, não fossem motivos de escândalo, e nem ser um ato tomado como obsceno. Explica também que em festas mais sagradas ou em manifestações populares, onde havia danças, celebração e diálogos amorosos, seriam essas as ocasiões propícias para as declamações de poemas de amor semelhantes ao *Cântico dos cânticos*.

Assim, notamos que a representação cultural do *Cântico* é de certa forma, modificada, isto porque “as representações culturais não possuem, justamente por serem culturais, uma natureza fixa e imutável. Evoluem, transformam-se e se diversificam de acordo com a própria evolução histórico-cultural dos grupos que as elaboram” (DURIGAN, 1985). O poema, dessa maneira, ganha outra conotação na esfera religiosa, o fato do contexto original da obra sofrer uma invalidação (dentro de determinados contextos culturais), gera uma dificuldade para a compreensão do mesmo. Isso acontece em um “âmbito mais amplo do que a poética da época, ao qual chama ‘mecenas’ (*patronage*) – entendo por esse nome, os poderes (quer sejam pessoas ou instituições) capazes de ampliar ou minorar a leitura e a reescrita da obra em questão” (BARBOSA, 2012, p. 83). O fator determinante que opera sobre *Cantares*, fazendo com que o texto desfrute, de forma abrangente, da interpretação alegórica, vem a ser a religião institucionalizada.

Vemos, pois, que o estranhamento de certos grupos religiosos acerca do livro *Cântico dos cânticos* vai além de uma preocupação estética ou literária, sendo mistificado por motivos de moral religiosa o *Cântico* ganhou uma interpretação simbólica, afastando-se assim, daquilo que seria seu real significado literário. Essa visão complicada (porém confortável para os líderes espirituais) colocada sobre o texto, acerca da sua erotização, encobre de maneira sutil a sensualidade erótica presente no livro dos cânticos. Inserido num contexto histórico-social diferente do qual fora produzido, o *Cântico* tomaria ares de profano, presume-se então que, a atribuição de uma interpretação alegorizada e a autoria conferida ao rei Salomão, proporcionaram ao poema uma padronização religiosa sobre o seu conteúdo (BARBOSA, 2012).

Numa perspectiva literária, afastando-se agora dos entraves religiosos elencados ao *Cântico dos cânticos*, passemos então, a elucidar os segmentos do texto nos quais ocorrem as manifestações eróticas entre os amantes.

Capítulo III – UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA E ERÓTICA SOBRE O CÂNTICO SAGRADO

Por fim, chegamos ao momento da nossa pesquisa onde dedicamos o espaço à análise dos segmentos textuais do *Cântico dos cânticos* em que ocorre a efetivação do sentimento erótico por parte dos amantes. Vale ressaltar que, a análise que será feita desvincula-se totalmente de qualquer moral religiosa que o *Cântico* possa conter (isso, por vezes, ocorre quando este é inserido no campo religioso), tratando o *Cântico dos cânticos* como um texto poético, nos propomos a analisá-lo como manifestação literária, visto que esta pesquisa não visa nenhuma conclusão teológica.

Separando as passagens entre as falas da personagem masculina (Salomão) e feminina (Sulamita), os segmentos que foram destacados dos cânticos são aqueles que apresentaram relevante importância para nossa pesquisa, isto é, os trechos que mais evidenciam as metáforas eróticas do texto. Somando o total de nove fragmentos (não quer dizer que o conteúdo erótico do livro resume-se a essas passagens, pelo contrário, o corpo do poema ainda apresenta trechos muito significativos, dentro da perspectiva erótica, no entanto, a escolha foi necessária para que a análise não se tornasse descomedida e prolixa), analisaremos o poema indicando os episódios que abrangem o desdobramento de Eros entre os amantes. Dessa forma, indicaremos o florescer, o desenvolvimento e o amadurecimento do sentimento erótico.

Das muitas traduções existentes na Língua Portuguesa, escolhemos o texto do *Cântico dos cânticos* que está presente na Nova Bíblia Viva¹⁰ (2010) para a realização da nossa análise literária. Aplicando os conceitos de Literatura Sapiencial e Poesia Hebraica apresentados por Halley (2002), que nos mostra as características do conteúdo literário que ocorrem nos escritos do Velho Testamento, indicaremos onde acontece a linguagem figurada que endossa o sentido literário do poema em estudo. Para indicar a **linguagem figurada** exprimida e o Paralelismo, (este segundo trata-se de uma especificidade literária contida na poesia hebraica) utilizaremos, dentro dos fragmentos textuais que serão postos em análise, as fontes

¹⁰ A versão se destaca por substituir as construções sintáticas de traduções mais antigas e termos muito formais e eruditos por uma linguagem simplificada que facilita a compreensão do leitor. Para saber mais, a respeito das implicações sobre esta tradução, confira **Nova Bíblia Viva**, 2010, p. VII.

destacadas em **Negrito** para a linguagem figurada, e nas manifestações que ocorrem os paralelismos os segmentos serão destacados com o traço sublinhado, isso evitará uma segunda fragmentação do texto analisado e irá auxiliar o leitor na compreensão da parte posta em avaliação. O momento em que se situa o estado de Eros entre as duas personagens principais será discorrido no corpo textual desta análise.

O *Cântico dos cânticos* se inicia com a seguinte apresentação “Esta canção, mais bonita que qualquer outra, foi escrita pelo rei Salomão” (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560), Este excerto trata-se do cabeçalho do livro que, como vimos anteriormente, pode possuir diferentes interpretações. Apesar do que sugere esta tradução, é pouco provável que a autoria do poema seja realmente do rei Salomão (contudo, tomaremos como personagens principais da trama o rei Salomão e a camponesa Sulamita). Logo após a esta sugestiva exposição, o poema segue com a locução da voz feminina, Sulamita. O *Cântico* se inicia com demonstrações mútuas de amor, a fala inicial da personagem feminina já demonstra como emanam desejos e aspiração pelo seu amado, ela diz:

Beije-me mais uma vez porque **o seu amor é mais doce que o vinho**. A fragrância do seu perfume é deliciosa; o seu nome é como um perfume derramado. Não é de se admirar que todas as moças o amem!
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560, grifo nosso).

A primeira figura de linguagem a ser destaca é a Metáfora do vinho, a bebida, que “tem a propriedade de aguçar o amor, a paixão ou o desejo intenso e transformá-lo em ato” (AMUI, 2007), é colocada como referência por Sulamita para compará-la ao amor de Salomão, para ela as sensações que o vinho pode proporcionar; o seu gosto ao paladar, o cheiro suave de uvas, embora agradáveis, não poderiam se igualar aos prazeres que o amor de Salomão lhe proporciona, notamos que a alusão ao prazer físico que o beijo produz nos amantes é o ponto principal desta declaração.

A parte destacada com o traço sublinhado indica um Paralelismo Culminante, onde o segundo verso completa o sentido do primeiro verso, nele vemos que as moças sentem amor por Salomão, por ele exalar um cheiro agradável. O verso

explora o olfato do leitor, fazendo com que se associem aromas, perfumes e fragrâncias aprazíveis à personagem masculina.

Em seguida temos uma fala da personagem masculina, Salomão, ainda no início do poema, que também nos mostra como o sentimento de encantamento que ele sente por Sulamita é intenso, encontramos aqui os primeiros elogios e cortejos que ele faz para a sua amada:

Você é muito linda, meu amor! **E vale mais que qualquer coisa no mundo!** Como são bonitas as suas faces, entre os brincos, e como é lindo o seu pescoço enfeitado com colares de jóias
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560, grifo nosso).

Em negrito, destacamos a Hipérbole contida no verso, para Salomão a sua amada não se compararia ao mais valioso tesouro, ao palácio mais suntuoso. Neste trecho ele presta atenção nos detalhes de Sulamita, as partes do seu corpo são exaltadas, ela é única para ele. Essa é uma ação ligada ao sentimento erótico, onde toda a atenção é voltada para um ser específico, fica claro que Sulamita é o seu objeto de amor, é para ela que ele rende admiração.

O paralelismo marcado com o sublinhado, tomamos como Sinonímico, isso porque no primeiro verso a beleza da amada é descrita, e no segundo verso a mesma descrição continua com termos diferentes. Notamos que tanto no primeiro quanto no segundo verso a beleza de Sulamita é enaltecida com adornos e jóias, fica claro na fala de Salomão que ele cria para si uma imagem exuberante da camponesa.

Vimos que os versos destacados, tanto a fala de Salomão quanto a de Sulamita, limitam-se aos elogios, as declarações e cortejos começam iniciando o jogo do espetáculo erótico. Presenciamos aqui o início do amor, ou os suaves desassossegos que são despertados nos amantes (LEWIS, 2009), são desejos afetuosos interiorizados nos amantes que não se tratam de desejos carnavais, ou melhor, de desejos puramente sexuais. Contudo, o amadurecimento de Eros, posteriormente, fará com que esses sentimentos cresçam e logo, esses mesmos sentimentos, irão abrir o caminho para a vontade sexual em si.

Vejamos mais duas falas que também evocam sentimentos despreziosos, no que se refere ao desejo sexual, ainda são falas que apontam os elogios que o amante rende ao seu objeto de amor; exaltação a beleza e vontades sutis.

No verso seguinte, temos mais uma fala da personagem feminina, onde temos a declaração:

**O meu amado é para mim como uma
pequena bolsa de mirra, colocado à noite
entre os meus seios. O meu amado é para
mim como um ramo de flores dos jardins
de En-Gedi**
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560,
grifo nosso).

Na parte que está em negrito e destacado com o sublinhado, encontramos uma Símile ocorrida através de um Paralelismo Emblemático. Embora não haja no segundo verso uma descrição literal do sentido do primeiro verso, notamos a ação do Paralelismo Emblemático ao perceber que o segundo verso reafirma o sentido do primeiro. A conotação que “mirra” (resina aromática) possui no primeiro verso assemelha-se ao sentido translato que “ramo de flores” tem no verso seguinte, onde também apontamos a símile que ocorre no verso através dos termos selecionados para exprimir o pensamento de afeição. Mais uma vez, nota-se que a linguagem que o texto emprega apresenta elementos que estimulam o olfato do leitor, além de associar à personagem masculina sensações aromáticas, a personagem feminina tenta manifestar através desse jogo de palavras a sensação que o calor e o cheiro do corpo do seu amado provocariam nela, estando ele deitado sobre ela. Temos deste modo, uma forte descrição sensual, onde se é exposta a proximidade e a posição dos corpos dos amantes. Imagens como essa serão descritas no decorrer do poema através das figuras de linguagem selecionadas pelo autor, visto que tanto a Símile, como a Hipérbole e a Metáfora “vem dar um corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir” (BACHELARD, 1958 apud ALVAREZ 2013, p. 125).

Na próxima fala, agora, da personagem masculina, encontramos mais um Paralelismo Emblemático. Nesta passagem, a figura de linguagem trata-se de uma Símile presente do primeiro verso, mas logo o sentido literal da frase é exposto claramente no segundo verso, assim temos:

**Sim, você é um lírio entre os espinhos;
assim é minha amada entre as outras
moças**

(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560,
grifo nosso).

Essas palavras revelam o favoritismo que ele sente pela sua amada em relação às demais mulheres, para ele não há mais bonita, aos seus olhos a beleza da sua amada é a mais notável. É demonstrado mais uma vez na fala de Salomão, uma característica particular ligada ao sentimento erótico onde o despertar de sensações psicológicas e biológicas estão ligadas a um ser específico.

No próximo segmento, temos mais uma declaração amorosa por parte de Sulamita. Encontramos neste momento uma sutil exaltação ao corpo masculino, posteriormente, quando o sentimento erótico se encontrar no seu apogeu onde os amantes procuram efetivar o ato erótico, tanto o corpo masculino quanto o feminino serão exaltados na fala dos amantes, contudo, nesta fala da personagem feminina já encontramos o sentimento erótico em desenvolvimento, notamos que Vênus, o elemento sexual que atinge os que estão amando em Eros (ou, com Eros) se mostra de forma insinuante. Nesse trecho ela diz:

O meu amado é como uma macieira;

comparado com outros jovens, ele é a árvore mais bonita do pomar. Tenho prazer de me sentar à sombra dele; como é gostoso o seu fruto! Ele me levou ao salão de festas e mostrou a todos o quanto me ama. Ah, mate minha fome com passas e revigore-me com maçãs, porque eu estou quase morrendo de tanto amar

(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560,
grifo nosso).

Esse trecho do poema inicia-se com uma Metáfora onde o amado é assemelhado a uma macieira, árvore frutífera, para Bachelard, (1947 apud ALVAREZ 2013, p. 29) “a árvore é antes de tudo um símbolo maternal; como a água é também um símbolo maternal” assim, entendemos que há uma possível significação no sentido de segurança, apoio e estabilidade que Sulamita idealizou na imagem do seu amado. Destacamos dois Paralelismos Culminantes nesta fala de Sulamita, no primeiro entendemos que, completando o pensamento do primeiro verso, o fruto do seu amado lhe proporciona prazer, por isso ela se agrada em estar

junto a ele. No segundo, é revelado o desejo que Sulamita sente no que se refere aos cuidados que Salomão pode lhe oferecer, ela pede para ser suprida de carinhos, pois está sofrendo pelo seu amado.

Ao declarar que está “*quase morrendo de amor*”, compreendemos que ela precisa dele, sendo ele as suas delícias, o seu fruto, ela necessita que ele a satisfaça. Eros começa aqui, a manifestar-se com Vênus (elemento sexual), o amadurecimento da afeição entre as personagens faz com que o sentimento erótico passe das suaves declarações de amor, para o desejo da efetivação erótica, isto é, do ato sexual. Isto se revela porque, primeiramente, ela declara que o seu amado é uma macieira, logo depois pede para ser saciada com maçãs, entendemos assim que a sua fome só pode ser saciada pelo fruto do seu amado, a sua carência só pode ser completada pelos carinhos daquele o qual ela ama. Dessa maneira Eros se expõe, ao passo que o desejo sexual despertado em Sulamita, se afasta da atividade sexual pura e simples, mas vem acompanhando de manifestações psicológicas inerentes aos seres humanos.

Partimos agora, para o Eros em desenvolvimento, através de figuras de linguagens orientas, em sua maioria metáforas, vemos como se dá o belo jogo de palavras proferidas pelos amantes, através delas, serão construídas imagens altamente eróticas, os próximos excertos apontarão o momento em que o desejo que antes era desprezioso, volta-se agora para a intensa sensação física que Eros pode proporcionar. Envolvidos em Eros, agora incrementado com Vênus, os amantes procuram-se, desejam um ao outro.

No próximo segmento, um tanto longo, encontramos uma das descrições que Salomão faz da imagem de Sulamita. O trecho é carregado de simbolismo, como dito antes, em grande parte oriental, escolhemos evidenciar duas figuras de linguagem e um paralelismo, mas não fragmentamos o texto para não comprometer a ideia principal da passagem, que é a exaltação do corpo feminino, ele diz:

Como você é linda minha querida! Ah, como
você é linda! Seus olhos, por trás do seu véu,
são como os olhos de pombas. Os seus
cabelos caem sobre o seu rosto como um
rebanho de cabras descendo pelos morros de
Gileade. O seu sorriso é branco e brilhante
como um rebanho de ovelhas logo depois de
serem tosquiadas e lavadas; e a sua boca,
como é benfeita! As suas faces, por trás do

véu, são como as metades de uma romã. O seu pescoço é como a torre de Davi, enfeitada com os escudos dos soldados valentes. Nela estão pendurados mil escudos, todos eles escudos heróicos de guerra. Os seus dois seios são como os filhotes gêmeos de uma gazela, que se alimentam entre os lírios. Antes de o dia amanhecer e de as sombras sumirem, eu irei à montanha perfumada de mirra e à colina que tem o cheiro do incenso. **Você é linda demais, minha querida; em você não há menor defeito. Os seus lábios minha querida, são feitos de mel, minha noiva.** Sim, debaixo de sua língua há mel e leite. O perfume dos seus vestidos é como a fragrância das montanhas do Líbano. Minha irmã, minha noiva querida, você é como um jardim particular, como uma fonte só minha e de mais ninguém (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 561, grifo nosso).

A primeira figura de linguagem aqui destacada trata-se de uma Hipérbole, aos olhos do amante o ser amado sempre lhe será aprazível em todos os aspectos, encontramos essa característica na fala de Salomão quando esse declara que na sua amada “*não há menor defeito*”, elevando excessivamente a beleza da sua noiva. Na segunda figura de linguagem que evidenciamos nesse trecho encontramos uma Símile, onde os lábios (ou o sabor dos lábios) da mulher amada são atribuídos ao mel. Entendemos que a comparação parte da ideia que os lábios dela sejam doces como o mel, outra vez o texto faz uma ressalva referente às sensações físicas provocadas pelo beijo.

No sublinhado, destacamos um Paralelismo Emblemático ocorrido através de uma símile, onde no primeiro verso ele declara que ela é um jardim particular, um lugar de deleite que ninguém mais pode possuir ou contemplar as maravilhas que esse lugar, ou por melhor dizer, esse alguém reserva. Além disso, imagens bucólicas remetem a calmaria de uma vida desejável, por meio da linguagem literária o autor pode empregar representações que indiquem o desejo de descanso como “um terreno no campo, um canto no bosque, ou, melhor ainda, uma pequena casa no fundo de um jardim, tudo isso para fornecer imagens à vontade de se enraizar, de permanecer” (BACHELARD, 1971 apud ALVAREZ 2013, p. 103).

No verso seguinte ele fala claramente o que Sulamita representa para ele; “*fonte só minha*”. Entendemos que por fonte o local onde se sacia a sede, estar

diante de uma fonte é estar diante de águas e “ontologicamente a água em sua essência é pura. (...) traz repouso e bem-estar” (ALVAREZ 2013, p. 13), o jardim local onde se mata a fome, onde se acha descanso, esses são os prazeres que ele espera obter de sua amada, dessa forma, ele demonstra ter a pretensão de estar com sua noiva, revela o quão desejável ela é e, manifesta a vontade que tem de possuir a sua noiva e provar de suas carícias.

Em meio a esses turbilhões de anseios e aspirações, notamos que Vênus começa atuar abertamente entre os amantes, e fica claro na fala das duas personagens principais o desejo erótico que se intensifica, a procura psicológica que se vivifica para a realização do sexo e o ser amado que é posto em destaque.

No próximo segmento a ser analisado encontramos uma descrição feita por Sulamita, nela vemos como foi feita a exibição da imagem de Salomão. Encontramos agora uma exaltação do corpo masculino, o fragmento retirado do poema, e posto aqui para análise, também permaneceu extenso, mas, optamos por não fragmentá-la ainda mais. Do mesmo modo como fizemos na passagem anterior, demonstraremos dentro desta passagem, duas figuras de linguagem e um paralelismo, onde temos:

O meu amado é bonito, queimado do sol. **Ele se destaca entre dez mil homens!** A cabeça do meu amado é como ouro, o ouro mais puro; e o seu cabelo, cheio de cachos, como ramos de palmeira, é preto como as penas de um corvo. Os olhos do meu amado são como pombas à beira do riacho, lavados com leite, calmos e profundos. O seu rosto é como um canteiro de ervas e flores perfumadas. Os seus lábios são como lírios cheirosos; quando ele fala, eu sinto o perfume de mirra. Os braços do meu amado são barras redondas de ouro enfeitados com pedras preciosas; seu corpo se parece com o marfim polido adornado de safiras. As pernas do meu amado são colunas de mármore, que se apóiam em bases de ouro puro; o meu amado se parece com um os montes do Líbano, e é elegante como os cedros; não há ninguém que se compare a ele. A sua boca é muito doce; ele é totalmente desejável. Ouviram, moças de Jerusalém? Esse é o meu amado, esse é o meu noivo (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 562, grifo nosso).

A primeira figura de linguagem destacada trata-se de uma Hipérbole, elevando a aparência física de Salomão, a amada o coloca em lugar de destaque, mesmo entre milhares de homens a beleza do seu amado seria visivelmente a mais aprazível. A segunda figura de linguagem por nós destacada vem a ser uma Símile, notamos que são escolhidas as expressões “*ramo de palmeira*” (as folhas da palmeira, quando ainda são pequenos ramos, brotam na árvore muito próximos uns aos outros afazendo com que os ramos formem espessas camadas) e “*penas de corvo*” (pássaro que possui plumagens negras) para fazer referência ao formato e a cor do cabelo da personagem masculina, desse modo, nos é apresentado os cabelos cacheados e pretos de Salomão.

O paralelismo destacado na parte sublinhada vem a ser um Paralelismo Culminante, completando a ideia central do primeiro verso, o segundo explica o porquê de Sulamita assemelhar os lábios de seu amado às flores; ele exalaria um cheiro suave ao falar. Essas sensações que a voz feminina relata além de fazer, mais uma vez, referência aos estímulos olfativos a Salomão, denota o prazer que Sulamita sente e como ela descreve o encanto que a proximidade das bocas lhe dá. O prazer do beijo pode ocasionar diferentes incitações, e como o autor belamente empregou a figura da flor para designar a boca da personagem masculina, cabe aqui a poética explicação que Alvarez (2013, p. 82) nos dá quando descreve as muitas proporções de sentidos que são atribuídos à figura da flor, ao dizer que “cada flor é uma aurora, cada flor é uma chama, e em cada imagem da flor há sempre um buquê de sonhos a desabrochar”.

Os dois últimos segmentos destacados irão expor o espetáculo erótico concretizado entre os amantes, a partir de agora Eros encontra-se no auge dessa relação afetiva. O laço emocional que envolve as duas personagens ultrapassou o limite das declarações apaixonadas e dos elogios exuberantes, houve um amadurecimento e Vênus, elemento sexual de Eros, se mostra intensamente. Uma vontade corpórea foi posta em evidencia e esse é o momento em que Vênus se revela, não priorizando o ato sexual em si, mas impulsionando os amantes a experimentarem as sensações físicas que Eros proporciona para os que estão entregues ao sentimento erótico. Vamos ao primeiro segmento textual:

**Que o meu amado venha para o seu jardim
e coma as suas frutas escolhidas!**

(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 562,
grifo nosso).

Esta é uma fala da personagem feminina, e nela encontramos a Metáfora como figura de linguagem predominante. Anteriormente, vimos que Salomão chama a sua amada de “*fonte só minha*”, “*jardim particular*” e “*montanha perfumada*”, esses são lugares de bem-estar, onde se pode encontrar prazer. Neste momento, Sulamita convida aquele a quem ela ama a entrar em seu jardim (isto é, no jardim dele) oferecendo-lhe seus frutos, ou seja, ela está propensa a entregar-se. Ela sabe que pertence a ele, durante todo poema encontramos as declarações repetidas que a voz feminina evoca: “eu sou do meu amado!”, portanto, ela toma conhecimento que suas carícias, seu corpo, seus beijos, aquilo que ela pode proporcionar, ou seja, seus frutos pertencem a ele. Este *entregar sem reservas*, nos aponta o amadurecimento de Eros, ela já o deseja, Vênus já atua e o desejo sexual em si já se encontra aflorado.

No próximo fragmento encontramos a voz da personagem masculina, nela Salomão diz:

Eu já estou no meu jardim, minha irmã, minha
noiva! Já recolhi minha mirra e as minhas
especiarias. Já comi o meu favo com mel.
Já bebi o meu vinho com o leite
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 562,
grifo nosso).

Aqui encontramos, no segmento destacado com o traço sublinhado, um Paralelismo Culminante, completando o pensamento do primeiro verso, o segundo declara que ele conseguiu usufruir dos aromas suaves e desfrutar das especiarias porque entrou no jardim. Em seguida destacado em negrito, temos uma Símile como figura de linguagem predominante neste verso, comer o “*favo com mel*”, e beber o “*vinho*” e o “*leite*” exprime o ato de posse que Salomão realizou ao entrar no jardim, ou seja, os prazeres que alcançou através de Sulamita, ao mencionar que já usufruiu desses prazeres a personagem masculina deixa claro o ato sexual consumado.

No fragmento anteriormente analisado, Sulamita ansiava o momento em que o seu amado iria chegar ao seu jardim e se deliciaria com seus frutos, em resposta

dessa insinuante petição temos estes versos que nos mostram, através da fala da personagem masculina, a consumação sexual. A entrada no jardim denota o ato sexual em si, isto, concluímos ao compreender que, ainda no momento em que Eros se desenvolvia, Salomão diz no sexto excerto analisado, “*irei à montanha perfumada*”, (há uma comparação feita; o cheiro da sua amada assemelha-se ao aroma que exalam das montanhas), mostrando claramente a vontade sexual praticamente amadurecida, ele deseja estar com ela (ou por sobre ela). Essa vontade é ocasionada pela representação que Sulamita tem, ela é o seu objeto de amor, o ser que desperta em seu íntimo anseios específicos, sobre isso Bachelard, (1948 apud ALVAREZ 2013, p. 164) nos afirma que “o emprego da vontade pode ser simplesmente imaginado, o objeto levantado pode ser simplesmente imaginário, mas as imagens são necessárias para que as virtualidades de nossa alma se distingam e se desenvolvam”, ou seja, através da imagem criada em cima de Sulamita surge o desejo erótico, surge a vontade sexual.

Contudo, a consumação revela-se na fala “*Já comi o meu favo com mel. Já bebi o meu vinho com o leite*”, durante o poema ele assemelha Sulamita a fragrâncias agradáveis, e agora declara que recolheu a mirra, deste modo, ele se apossa da mirra quando, estando no momento do contato físico, se delicia com o cheiro do seu objeto de amor. Também no sexto fragmento que extraímos do poema e posto aqui em análise, Salomão declara que os lábios de sua amada são feitos de mel, e que havia leite e mel debaixo da sua língua, agora declara que bebeu desse leite e que provou desse mel, como Salomão faria isso se não por meio de beijos trocados com a sua amada, essa iguaria a ser apreciada, guardada debaixo da língua dela, foi colhida pela língua dele. Vemos que as ações realizadas no ato sexual; beijar, cheirar, tocar, são descritas através de uma imagem literária que de certa maneira disfarçam o teor erótico e sexual do poema. Sobre esse jogo do dito/não-dito, do explícito/implícito, Bachelard (1971 apud ALVAREZ 2013, p. 98) corrobora que

(...) a imagem literária, por mais espontânea que pretenda ser, é mesmo assim uma imagem refletida, uma imagem vigiada, uma imagem que não encontra sua liberdade senão após ter franqueada uma censura. Com efeito, as características sexuais da imagem escrita são freqüentemente veladas. Escrever é ocultar-se.

Ao dizermos que Salomão colheu os frutos do seu jardim particular, e se deleitou nos prazeres que Sulamita lhe proporcionou, pode-se reforçar a ideia que ela se entregou e ele a possuiu, entretanto, os amantes quando estão envolvidos em Eros se anulam dos conceitos dar/receber, pois nesse estado, quando se está amando, não se pensa primeiramente no “Eu”, mas no outro. Isto implica dizer que se há uma entrega é uma entrega recíproca, e se há um sentimento de posse cremos que, neste caso, é um poder sobre o outro também recíproco, isto é, possuo-o (ou tenho o sentimento de posse), pois o objeto de meu amor me dá felicidade, logo retribuo a felicidade que ele me proporciona fazendo-o também feliz com a minha entrega.

Essas implicações sentimentais e físicas, refletidas através das expressões literárias presentes nas falas das personagens principais, reforçam ainda mais o espetáculo erótico. As inquietações sentimentais que os amantes sentem só são possíveis pelo jogo inicial do erotismo, pela procura psicológica iniciada através dos singelos elogios e das declarações mútuas de amor. O quadro do erótico se intensifica quando a atenção é voltada para as sensações físicas as quais os amantes podem usufruir, a partir desse momento o corpo do outro é posto em evidência; a pele do ser amado é mais macia, mas bonita; o hálito mais aprazível; os olhos mais brilhantes; o cheiro mais atrativo, nisso surgem os elogios exuberantes, e as palavras proferidas agora estimulam o desejo sexual. Logo, a culminância de Eros torna-se eminente, tudo começa com um desassossego possível de ser controlado, mas, com o amadurecimento de Eros, Vênus cresce e traz consigo um apetite físico a ser saciado, o que irá provocar, enfim, na consumação do ato sexual que coroa o espetáculo do sentimento erótico com a troca dos corpos dos amantes. No entanto, nos parece que essa é a última troca a ser feita por aqueles que estão amando em Eros, pois os seus corações já estão entregues um ao outro, suas emoções, esperanças, medos e anseios assemelham-se e misturam-se, portanto, os amantes já estão unidos, eles são, antes mesmo do sexo, um só ser.

3.1 Refrão e Declarações Repetidas em *Cântico dos cânticos*.

Além das figuras de linguagem e dos paralelismos destacados nos fragmentos acima, existem outras características textuais que definem o gênero da Poesia Hebraica, são os *Refrões* e as *Declarações Repetidas*, assim sendo, essas

características também podem ser encontradas no *Cântico dos cânticos*. O refrão ocorre quando encontramos a repetição de um mesmo verso no decorrer do poema, constatamos que o refrão contido no *Cântico* é o seguinte:

Moças de Jerusalém, prometam e jurem,
pelas gazelas e corças do campo, que vocês
não vão acordar o meu amado, nem
despertar o meu amor enquanto ele não
quiser
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 560).

Esse verso em específico ocorrerá no versículo sete do capítulo dois, no quinto versículo do capítulo três e por fim, terá sua última repetição no versículo quatro do oitavo capítulo.

As declarações repetidas que destacamos no poema, são evocadas principalmente pela voz feminina, embora as declarações não sejam extremamente semelhantes, fazem referência a um mesmo sentimento, de posse e entrega. Nessas falas vemos que os atos de possuir e se doar misturam-se fortalecendo ainda mais o espetáculo erótico dos amantes, assim temos:

O meu amado é meu, e eu sou dele
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 561).

Eu sou do meu amado, e o meu amado é
meu
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 562).

Eu sou do meu amado, e ele sente saudade
de mim
(CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 2010, p. 563).

Como as referências indicam, as declarações, assim como o refrão, não se isolam a um único capítulo, mas se espalham durante todo o texto. Com isso, vemos que o *Cântico dos cânticos*, possui em seu corpo textual todas as especificidades que comprovam a literariedade do texto, e as características que foram expostas, evidenciam as tipicidades da linguagem literária hebraica apresentadas por Henry H. Halley (2002), deixando claro que os elementos presentes no texto fazem parte do gênero da Poesia Hebraica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante a análise realizada nos excertos extraídos do *Cântico dos cânticos*, embasados nos conceitos de Literatura Sapiencial e Poesia Hebraica, chega-se a conclusão que o poema apresenta os elementos exigidos para que se ratifique a literariedade contida nesses escritos. Nos segmentos analisados constatou-se que das quatro figuras de linguagens que fazem parte do quadro de elementos literários que compõe o gênero da Poesia Hebraica; Metáfora, Símile, Hipérbole e Personificação, houve a ocorrência das três primeiras figuras de linguagem sendo que a Personificação não se mostrou presente em nenhum fragmento analisado. No que se refere ao aparecimento do Paralelismo, característica específica da Poesia Hebraica, encontramos a presença dos Paralelismos Emblemático, Culminante (ou Sintético) e a ocorrência de um Sinonímico, sendo que o Paralelismo Inverso não se mostrou presente em nenhum excerto aqui analisado.

Em relação à perspectiva do aspecto erótico em *Cântico dos cânticos*, foi possível apontar durante a análise o seu início, desenvolvimento e amadurecimento, fazendo com que pudéssemos concluir que as impressões aqui descritas sobre cada fase do sentimento erótico fossem postas de forma clara e satisfatória, comprovando que o *Cântico* possui um enredo erótico de acordo com o que foi levantado na discussão teórica sobre o desenvolver de Eros nos amantes.

Para completar os elementos literários que compõe o gênero da Poesia Hebraica, evidenciamos o Refrão e as Declarações Repetidas presentes no poema, visto que esses elementos reforçam ainda mais a literariedade do *Cântico dos cânticos*.

Nesta pesquisa, apresentamos não somente as questões literárias sobre o poema em estudo como também as questões religiosas que envolvem o mesmo, entendemos, no entanto, que o texto poderá acarretar inúmeras interpretações dependendo do contexto histórico, social e cultural em que esse venha estar. Não intencionamos em nenhum momento desta pesquisa, invalidar as interpretações alegóricas feitas sobre o poema, mas nos propusemos a mostrar que apesar de ser um poema canonizado, pertencente às Sagradas Escrituras, não impossibilita de maneira alguma que este venha falar do amor humano, do amor erótico. Amor manifestado através de um homem e uma mulher que sublimados pelo sentimento

erótico entregam-se sem pudor aos prazeres sexuais que este mesmo amor os impulsionam a experimentar.

Por fim, em vista dos resultados obtidos, concluímos nossa pesquisa com a satisfação que nós almejávamos ainda no início das primeiras leituras. Conhecer os caminhos que os escritos bíblicos podem nos direcionar (sejam eles históricos, literários ou teológicos) foi, ou melhor, tem sido uma experiência transformadora, falando do *Cântico dos cânticos* em particular, notamos que o leitor (independente da concepção teórica que este tenha) ao se posicionar diante dos versos do poema, lerá com os seus olhos e proferirá com a sua boca palavras de uma fonte inesgotável de amor.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Ed. 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

ALVAREZ, Agripina E. F. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos.** – Londrina: Eduel, 2013.

AMUI, Juliano M. **Vinho: uma viagem arquetipa.** 2007. 127f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. – São Paulo, SP, 2007.

BARBOSA, M. C. T. **Análise comparativa de traduções do Cântico dos cânticos.** 2012. 192f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. – Natal, RN, 2012.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo;** tradução de Antonio Carlos Viana. — Porto Alegre: L&PM, 1987.

BÍBLIA DE ESTUDO DA MULHER. Belo Horizonte: Atos, 2002,

CARDIM, Leandro Neves. **Corpo.** – São Paulo: Globo, 2009 – (Coleção Filosofia frente & verso/ coordenador Alexandre de Oliveira Torres Carrasco).

DURIGAN, Jesus Antonio. **Erotismo e Literatura.** – São Paulo: Ática, 1985 – (Série princípios)

FILHO, Domício Proença. **A linguagem literária.** 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

HALLEY, Henry Hampton. **Manual Bíblico de Halley:** Nova Versão Internacional (NVI); tradução Gordon Chown. – São Paulo: Editora Vida, 2002.

HISTÓRIAS DE AMOR DA BÍBLIA. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

JARDILINO, José Rubens L.; LOPES, Leandro de P. (2009). **Cântico dos cânticos: parte do cânon sob censura**. **Revista Nures**, n. 13, Disponível em: <http://www.pucsp.br/nures/revista13/jardilino.pdf>. Acesso em 24 out. 2013.

LEWIS, C. S. **Os Quatro Amores**. Tradução de Paulo Salles. São Paulo: editora Martins Fontes, 2009.

MANUAL BÍBLICO SBB; tradução de Lailah de Noronha. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

MORAVIA, Alberto. **Sull'erotismo in letteratura**, in: *Nuovi Argomenti* (n.51-52), revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Roma, 1961, p.50-52. - (tradução de Davi Pessoa). Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad24.pdf>. Acesso em: 26 maio 2015.

NOVA BÍBLIA VIVA – São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

SCHULTZ, Samuel. J; SMITH, Gary. V. **Panorama do Antigo Testamento**. 2ª Ed. Rev.; tradução Bruno G. Destefani. – São Paulo: Vida Nova, 2005.

STROZZI, Gina Valbão. **Erotismo e Religião em George Bataille**. 2007. 217f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. – São Paulo, SP, 2007.